

## Apresentação

Renato Janine Ribeiro\*

Felizmente o interesse retomado pelas questões da estética e da análise literária restituiu ao termo “lugar-comum”, pejorativo nos tempos em que se privilegiava o bem-escrever convencional, a densidade e a dignidade do *topos*: geração após geração, escritor após escritor esbarra em certos pontos que, para serem ditos, exigem o recurso a fórmulas consagradas, mas ao mesmo tempo admitem ou mesmo impõem uma renovação. E é isto o que nos credencia a abrir este número de *Discurso* em homenagem a Gilda Rocha de Mello e Souza, falando, nas páginas que se seguem, na *dívida* que este Departamento de Filosofia tem com ela. Desculpe-se o lugar-comum, ou aprecie-se a conveniência do *topos*: quem sabe estas rápidas palavras ao menos reconheçam o débito, ainda que para se confessarem incapazes de quitá-lo.

Nossa primeira dívida reside na importante contribuição que Gilda trouxe à pesquisa estética em nosso Departamento. A formação francesa, que constituiu esta casa de ensino e pesquisa com algumas qualidades – o rigor no trato dos assuntos filosóficos, a opção democrática que traduzia, no Brasil, a laicidade republicana dos europeus –, via, porém, com olhos um tanto tortos o trabalho sobre as artes. E isso se acentuava na medida em que esse trabalho criticava, explicitamente, a teorização prescritiva, a filosofia normativa, em que consistia o principal legado décimo-nônico de nossa disciplina (nome significativo) no exame das artes.

\* Membro da Comissão Executiva da *Discurso* e professor do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Mas foi aqui que nossa professora acertou em cheio. Sua opção claríssima era a análise de casos concretos, o estudo de obras de arte; ora, uma das principais características da arte no século XX tem sido a da constante renovação, a do permanente rompimento com os padrões passados, o que confere prevalência às obras, com o que têm de inovador, sobre as teorias, no que suas prescrições apresentam de repetitivo. Isso acarreta um resultado óbvio, mas difícil: toda tentativa de submeter a leitura das artes a preceitos ou normas se mostra fadada a desatualizar-se rapidamente; daí que o papel da teoria seja *ex post facto*, concorrendo para ler o que se fez, mas se mostrando singularmente pobre toda vez que tenta ditar regras. A teoria conserva sua relevância, mas não serve de fio seguro a conduzir-nos em noite escura: ao contrário, sofre das mesmas perplexidades que o acompanhamento das artes suscita em quase todos nós.

Essa recusa de um papel normativo à leitura das artes se revelou muito rica, tanto que hoje é bem mais aceite que nos tempos em que Gilda iniciou sua atividade didática, e tanto, acrescentemos, que a bibliografia em que ela nos introduziu – entre outros, quase a esmo, lembremos Panofsky e Gombrich – veio para ficar. Sobretudo porque é sempre atual, na filosofia, o risco para o qual ela nos alertou: lidamos melhor com o conceito do que com a imagem; trabalhamos mais o sentido preciso que o figurado; e com isso tendemos a perder as riquezas de uma linguagem que sabemos, desde pelo menos a renovação filosófica operada pelos alemães e os franceses nas décadas passadas, polissêmica.

\*\*\*

Contribuição inestimável, a de Gilda de Mello e Souza, ensinando seus alunos a olhar as artes, e em especial as brasileiras – um destaque, Mário de Andrade –; mas não se pode esquecer outra dívida que também temos com ela, e da qual depende nossa própria existência, enquanto instituição que estuda filosofia. Com efeito, em abril de 1969, a *Voz do Brasil* informava a cassação de bom número de professores da USP, inclusive o reitor em exer-

cício, prof. Hélio Lourenço de Oliveira; e neste golpe em regra vibrado pelo despeito e o ressentimento contra a qualidade e a resistência foram excluídos da Universidade nossos docentes mais titulados, profs. José Arthur Giannotti e Bento Prado Júnior, além de outros que tiveram que deixar o país, como Ruy Fausto, João Quartim e Helena Hirata. Um Departamento pequeno se via, a partir daqueles dias, à mercê de uma intervenção iminente, que lhe imporia o perfil daquela doutrinação conservadora que desde décadas ele repudiava: nem filosofia, nem leiga, nem republicana.

E foi nessa ocasião que Gilda de Mello e Souza, pouco afeita às coisas do poder, mas animada com uma indignação ética que nos momentos cruciais gesta o que de melhor há na política, aceitou exercer a chefia. Os primeiros meses foram terríveis; alunos e professores desapareciam; alguns morreram, outros se exilaram. Hoje tudo isso é quase inacreditável. Lembrar as humilhações a que a ditadura submetia nosso povo deve soar estranho a quem não as conheceu, e, acrescento, graças a Deus; porque, provavelmente, em nós alguma disposição à liberdade existe, que faz esquecer aquela minúscula prepotência que se disseminou por toda parte, investindo todo homem armado e fardado no privilégio de pisar nos direitos; algum amor profundo à liberdade em nós resiste, de modo que é tão difícil recordar na sua inteireza a teia repressiva quanto foi custoso, na época, desfazê-la.

Gilda de Mello e Souza, com o apoio de Victor Knoll, conseguiu, porém, preservar o espírito e a liberdade universitários, enquanto Maria Sylvia de Carvalho Franco – vinda, como Gilda, da Sociologia – escrevia a tese de livre-docência que, devolvendo ao Departamento o nível de titulação legalmente exigido, ao mesmo tempo que fincava pé nas convicções de rigor filosófico e liberdade de pensamento, permitiria que ele recuperasse a autonomia e vencesse as ameaças mais imediatas que pairaram sobre ele durante os anos de chumbo. É por isso que lhe devemos tanto: não fossem aqueles meses e anos de trabalho custoso, para o qual ela nunca se imaginaria preparada e que fugia completamente a seus gostos, não estaríamos aqui: este Departamento não existiria mais, nem escreveríamos nesta revista.

Não escreveríamos nesta revista: porque é esta a terceira dívida. Foi Gilda quem criou a revista *Discurso* e a dirigiu em toda a sua primeira fase, antes de passá-la a Paulo Eduardo Arantes (números 8 a 17) e este a Scarlett Marton (números 18 a 23), os diretores que precederam a atual gestão. Todo o cuidado existiu no sentido de garantir, o que pode ser dito marca registrada de Gilda, a qualidade científica, o pluralismo de perspectivas, a conexão com o que de melhor havia no exterior e, *last but not least*, uma resistência política à ditadura que tomava a via da luta cultural. As mais diversas formas assumiu este trabalho, lento mas, acredito, a longo prazo, eficaz, de sapa da mentalidade conformista que o regime de força queria impor ao País. (Para a eficácia, veja-se quantos pesquisadores rigorosos e democratas a geração de Gilda, mas também de Antonio Candido, Paulo Emílio e tantos outros, formou.) Podia aparecer num artigo de Bento Prado sobre Rousseau, publicado em francês para que ele, forçado a viver na França, tivesse condições de fazer-se ler; ou num necrológio, belíssimo, de Plínio Süsskind; ou, ainda, no simples – se é que disso se pode dizer que seja simples – amor à cultura, expresso em resenhas de livros, de filmes, até mesmo de *faits divers*. Uma revista filosófica e de cultura, eis o que Gilda criou. Nada mais pertinente do que homenageá-la numa de suas obras.

E aqui convém falar de outra. Desde 1968, quando ingressei no curso de Filosofia, ouvia falar de uma tese belíssima de Sociologia, defendida quase vinte anos antes, de nome *A moda no século XIX*. Demorei para lê-la, até porque só existia em separata, já amarelada, da *Revista* do Museu Paulista da USP (o popular Museu do Ipiranga), ou na versão original, datilografada, que repousava na biblioteca. Um dia, logo que Gilda deixou a direção da *Discurso*, decidimos publicar um de seus capítulos – o último, em que a moda adquire vida no baile – na revista por ela criada. Foi, aliás, esta a primeira vez que *Discurso* a homenageou. Mas queríamos, mesmo, ter o texto inteiro, em forma de livro, ao alcance do público. Isso demorou, e não vem ao caso relatar as gestões que a Comissão de Publicações da Faculdade fez, em fins dos anos 80, para que a Editora da Universidade o lançasse numa série reunindo as melhores teses inéditas de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; algumas, aliás, acabaram publicadas pela Edusp (Antonio Candido, Bento Prado Júnior, Egon Schaden); mas *A moda no século XIX*

veio a lume por outra editora, a Companhia das Letras, com o sucesso que se sabe e um novo título, *O espírito das roupas*.

Destaquei três das dívidas que ficam, em relação a Gilda Rocha de Mello e Souza; são as mais públicas, aquelas que deixaram sua marca até nas pessoas que não tiveram o privilégio de conhecê-la como professora, mas herdaram o contato com um Departamento vivo, a leitura de uma revista séria, o conhecimento de uma história da arte renovada. Poderíamos falar igualmente nessa lição que ela e seus contemporâneos de *Clima* ministraram, segundo a qual o trabalho em Humanidades se efetua num misto de rigor e democracia: pois esse grupo de jovens e, depois, de formadores de jovens conseguiu associar de forma bela e intrínseca o cuidado extremo no trato científico das coisas humanas com um valor ético que os fez profundamente ciosos da coisa pública e da ampliação da cidadania; dizendo de outro modo, um mesmo *élan* os fazia contestar o bacharelismo impressionista de nossa tradição cultural e o elitismo segregacionista de nossas classes dominantes. Essa lição muitos aprenderam, e são seus devedores. Mas há também, finalmente, dívidas mais pessoais, de quem se beneficiou de sua generosidade, privou de sua simpatia ou, simplesmente, o que parece pouco mas é muito, aprendeu com ela a gostar de mais coisas. São muitas dívidas, para tão singela homenagem.